



Universiteit
Leiden
The Netherlands

Decay or defeat ? : an inquiry into the Portuguese decline in Asia 1580-1645

Veen, Ernst van

Citation

Veen, E. van. (2000, December 6). *Decay or defeat ? : an inquiry into the Portuguese decline in Asia 1580-1645*. Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (CNWS), Leiden University. Retrieved from <https://hdl.handle.net/1887/15783>

Version: Not Applicable (or Unknown)

License:

Downloaded from: <https://hdl.handle.net/1887/15783>

Note: To cite this publication please use the final published version (if applicable).

RESUMO

As historiografias portuguesa e holandesa oferecem diferentes pontos de partida para o estudo do declínio português na Ásia. Os Portugueses tendem, em primeiro lugar, a olhar para as debilidades inerentes ao sistema governativo e administrativo do seu império quase mundial. Os Holandeses, por outro lado, vêem o êxito da expansão comercial da sua própria companhia das Índias Orientais como a principal força motriz. A literatura Anglo-Saxónica, familiar para a maioria dos leitores, aceita os argumentos de ambos os lados, mas indica repeditamente que os Holandeses começaram a tomar o poder logo desde o princípio, causando muitos danos às frotas portuguesas com as suas pilhagens e actos de pirataria. Seja como for, as concepções historiográficas acerca da retracção portuguesa e do início da expansão holandesa na Ásia estão repletas de armadilhas e concepções apriorísticas. Este estudo é uma tentativa para os evitar e para disputar dados e asserções inconsistentes, ou então para os encaixar numa história lógica.

O declínio português na Ásia revelou-se na Carreira da Índia (a passagem portuguesa para a Índia), no Estado da Índia (o sistema administrativo), e no comércio privado português na Ásia. Os seus destinos estavam interligados, mas encontraram diferentes obstáculos no seus caminhos.

A Carreira da Índia aproximou-se do seu nadir durante a década de 1620. Já tinha sofrido um revés temporário durante a de 1590: anos de crise política, militar, económica e demográfica para a Península Ibérica. No entanto, durante os primeiros vinte anos de séculos dezassete, operou uma grande recuperação do número de navios que eram despachados para a Índia. Os prejuízos das frotas, no entanto, eram também altos, em particular na viagem de ida. Isto não era devido à pirataria estrangeira, mas antes à incapacidade de navegação e à má pilotagem. Os investidores privados na Carreira, principalmente cristãos novos portugueses, não só aceitavam estes prejuízos, como também os elevados preços que eram forçados a pagar pela pimenta, estando até preparados para fornecer empréstimos adicionais para a equipagem dos navios.

Existiam várias razões que levavam estes mercadores e estar tão empenhados em manter a Carreira a funcionar. Com as suas vendas de pimenta na Antuérpia tinham acesso ao lucrativo negócio genovês do *asiento*. As suas cargas de seda, algodões e especiarias, levadas pela Carreira graças aos seus investimentos, eram lucrativas e não havia nenhuma forma alternativa de as trazer para Lisboa. Finalmente, em troca do seu apoio financeiro eles recebiam o direito de viajar pelo estrangeiro, quase como pares de outros cidadãos portugueses.

Nos finais da década de 1620, o anti-semitismo e os péssimos resultados dos seus negócios na Carreira levaram-nos a tomar parte do negócio genovês do *asiento* em Madrid. Em troca, obtiveram acesso livre a Castela e ao império espanhol. Viraram as costas à Carreira de Índia e mostraram-se também indisponíveis para dar apoio financeiro à nova Companhia Portuguesa das Índias.

A retracção da Carreira da Índia durante a década de 1590, que resultou na quebra de abastecimento do norte da Europa, foi a

razão para as iniciativas inglesa e holandesa encontrarem o seu próprio caminho para as Índias. O arranque rápido do comércio holandês da pimenta e das restantes especiarias foi facilitado através de capital do sul das terras baixas, de tal forma que este se tornou no principal competidor dos Portugueses na altura em que estes assistiam à recuperação da sua própria Carreira. Durante os primeiros vinte anos do século XVII isto causou um excedente nas provisões dos mercados Europeus, com todas as suas consequências para os níveis dos preços da pimenta e das especiarias.

Como resultado, os lucros da VOC eram uma desilusão, comparados com os das primeiras companhias. Contudo, desde a união das coroas Ibéricas em 1580, os Portugueses estavam no campo de Castelo e podia-se contar com o subsídio do Governo Geral holandês para dinheiro e navios. Construir uma presença militar no Este e bloquear o acesso português aos fornecedores asiáticos ou perseguir as suas embarcações, uma vez que estas estivessem carregadas com o produto desejado, tornou-se portante numa opção atractiva. A captura de Amboina não teve o efeito desejado, e por isso a pilhagem tornou-se na principal ferramenta para conter a competição e para criar lucros adicionais.

Durante a década de 1620 o número e volume total de navios holandeses enviados e parcialmente estacionados na Ásia excedeu o dos portugueses, mas o poder holandês manteve-se principalmente concentrado nas pilhagens no comércio intra-asiático, incluindo o dos Castelhanos e dos Chineses com Manila. Para além disso, o esforço holandês virou-se cada vez mais no sentido de ganhar acesso ao lucrativo comércio entre China e o Japão.

Para a VOC, a guerra e a pilhagem por contratação tornaram-se numa parte integral da sua política comercial. Até à década de 1630 o *Heeren XVII*, os Governadores-Gerais e os seus representantes no terreno pensaram que podiam ganhar vantagem na competição asiática através do uso de armas. No entanto, o impacto dos saques holandeses manteve-se mínimo, não só no comércio português intra-asiático, mas também na Carreira da Índia, e foi preciso esperar por 1636 para terem algum sucesso no comércio chinês da seda.

Mudanças políticas durante os anos de 1620 e 1630, entre outras na Pérsia, Índia e Japão, viraram finalmente os pratos da balança contra o Estado da Índia e os mercadores portugueses na Ásia. As velhas alianças começaram a ser postas em causa; novas alianças podiam ser feitas e novos mercados podiam ser penetrados, e os holandeses e ingleses não hesitaram em fazer uso dessa situação. Oferecendo-se como alternativa ao círculo português, direccionaram a sua diplomacia, sob várias formas e com diferentes graus de sucesso, aos novos líderes indígenas. Para os comerciantes portugueses a perda do comércio japonês, a principal força do comércio asiático, em 1639, com os holandeses autorizados a tomarem uma parte do mesmo, foi um desastre.

Até meados da década de 1630, com a excepção da perda de Ormuz em 1622 para os Persas, que tinham recebido apoio naval dos Ingleses, o Estado da Índia pouco sofreu com a presença de outros europeus na Ásia. A agressão holandesa contra o Estado da Índia só se tornou realmente eficaz após a trégua de 1640 entre

Portugal e a República. Novas relações com o ambiente asiático, que tornaram o fornecimento de água e de mantimentos muito mais fácil para as frotas holandesas, permitiram aos Holandeses investir na guerra numa escala que ultrapassava largamente os saques e pilhagens. A captura de Malaca em 1641, que foi alcançada através de uma iniciativa pessoal do Governador-Geral Van Diemen, foi o começo do guerrear estratégico, onde todos os golpes de negociações, diplomacia, traição, intimidação e força bruta eram usados. Malaca era o começo do processo de declínio quer para o Estado quer para as comunidades portuguesas na Ásia, que acabou com a perda de Cochim em 1663.

Em última análise, a Carreira da Índia começou o seu declínio na década de 1620 e quase colapsou após a partida dos cristãos novos para Castela. As razões pelas quais eles tomaram esta decisão foram, por um lado, o anti-semitismo em Portugal, a competição holandesa no mercado da pimenta e os investimentos que foram forçados a fazer numa Carreira que estava a ter maus níveis de desempenho. Por outro lado, sentiram-se atraídos pela sua relativa liberdade no império espanhol, pelos lucrativos *asientos* para a tesouraria castelhana em Madrid, ou pelo comércio americano em Sevilha.

As pilhagens holandesas tiveram um efeito limitado no Estado da Índia e nas comunidades portuguesas na Ásia. Contudo, as mudanças políticas que ocorreram através de toda a Ásia minaram as suas relações com aquele meio. A diplomacia holandesa e a guerra estratégica, que só começou nos finais da década de 1630, fizeram o resto.

Versão portuguesa de G. Ferreira.